

5º Seminário DOCOMOMO Brasil

São Carlos | 27 a 30 de outubro de 2003

Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação

Mesas Temáticas

Todo Parcial

Prof. Dr. Roberto Luís Torres Conduru (rconduru@uol.com.br)

Faculdade de Educação – UERJ

Parcialidade é a primeira questão a ser observada em uma análise das propostas de trabalho apresentadas para o 5º Seminário DOCOMOMO Brasil. E não só porque a visada do historiador, como a de todo analista, é parcial, influenciada por suas circunstâncias. Também o objeto em análise é parcial, já que, ainda no estágio de análise dos resumos, era possível perceber a concentração em certos temas e enfoques, bem como as zonas de silêncio, a sugerir o que depois se confirmou: a ausência no Seminário de uma parte considerável dos pesquisadores de arquitetura moderna atuantes no Brasil hoje.

Com certeza, isso acontece por razões particulares e não compromete a representatividade do Seminário e das propostas enviadas com relação à atualidade das pesquisas sobre a arquitetura moderna no Brasil. Assim, é possível uma “avaliação do estado da arte” da mesma a partir dos trabalhos propostos, conforme solicitado pela Comissão Organizadora do Seminário.

E essa parcialidade é significativa, pois deve-se também à ampliação do campo arquitetônico no Brasil, à sua crescente especialização, pluralidade e fragmentação, as quais também se evidenciam na produção acadêmica e bibliográfica que tem vindo a público, bem como na existência de múltiplos fóruns de discussão do campo arquitetônico, subdivididos por áreas de conhecimento – arquitetura, urbanismo, história e história da arte, entre outros – e especializados em temas ou períodos, como o Brasil colônia, o século XIX e o modernismo.

Em comparação com os demais temas e com a importância que tem no ideário moderno, o urbanismo está pouco representado no Seminário, o que é um indício forte da cisão entre os campos de arquitetura e urbanismo no Brasil, presente tanto na prática profissional, nas realizações e nas instituições, quanto na reflexão crítica.

Diversidade é a característica mais evidente nas propostas de trabalho apresentadas para o Seminário.

Já no estágio de análise dos resumos era possível perceber a intensificação do processo de ampliação dos objetos estudados para muito além do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, incluindo regiões, figuras e obras pouco exploradas ou ausentes na historiografia existente. Na verdade, causaram enorme surpresa as propostas de análise que focaram em regiões insuspeitas, em figuras pouco conhecidas ou mesmo em completos desconhecidos e em obras menores que antes poderiam ser consideradas irrelevantes.

No que tange às regiões geográfico-culturais, cabem duas observações. Primeiro, em comparação com a produção de arquitetura e preservação do Rio de Janeiro, sua representatividade é pequena nesse Seminário. Será que a ex-capital da República, tão ciosa de sua condição capital, sobretudo culturalmente, está isolando-se? Com certeza essa representatividade menor é um indício de um volume de pesquisas aquém da relevância histórica das ações em arquitetura moderna e preservação no Rio de Janeiro e do patrimônio delas derivado. Em segundo lugar, apesar da maior amplitude geográfica dos objetos analisados e dos pesquisadores no Seminário, salvo engano não se encontra um trabalho proveniente ou que se detenha sobre a produção da região Norte do Brasil. A Amazônia permanece como um limite do Brasil, permanece isolada culturalmente.

Com o resultado da seleção publicado, foi possível confirmar a suposição, derivada da análise das propostas, que a maior amplitude temática correspondia a uma diversidade também ampla de origens dos trabalhos, indicando a existência de múltiplos centros irradiadores de pesquisa.

Assim como os centros, multiplicaram-se as periferias.

Nesse sentido, correndo o risco de uma avaliação equivocada, já que, até o momento em que escrevo, não foram divulgadas as áreas de atuação dos autores, presume-se que sejam oriundos predominantemente da área de arquitetura, sendo marginal os aportes provenientes de outras áreas, como arte e antropologia, por exemplo.

Contudo, apesar de se ampliarem os objetos estudados e os centros de pesquisa, geralmente há uma coincidência entre o tema analisado e a origem do estudo. Se há um ponto positivo nisso – a possibilidade de embates mais freqüentes e imediatos com obras, pessoas e processos de recepção –, por outro lado, o risco é a circunscrição das pesquisas e o ensimesmamento das ações, obras e reflexões.

Confirmando a tendência de estudos monográficos, os estudos concentram-se em indivíduos, obras e programas. Estudos totalizantes estão em baixa.

Entretanto, mais do que as características presentes nos trabalhos apresentados, o que evidencia-se com maior intensidade são algumas ausências.

Apesar do temário geral do encontro, assim como o nome da instituição internacional que orienta suas ações e temas, indicar de modo tão direto o foco na arquitetura e no urbanismo modernos, não houve uma proposta de discussão explícita das inflexões de moderno e modernismo com relação aos projetos de arquitetura e de preservação no Brasil. Essa discussão com certeza existe nos trabalhos apresentados, mas está latente, sendo quase subliminar. Desse modo, o cânone moderno é posto em questão, revisto pela via da análise de produções postas à margem pela visão historiográfica dominante até recentemente.

Como o cânone, o centro é pouco discutido. Se há um volume razoável de análises sobre obras fundamentais do Movimento Moderno no Brasil, no qual se destaca a reincidência sobre o trabalho de Lina Bo Bardi e uma concentração também interessante em figuras como Acácio Gil Borsoi e Francisco Bolonha, coloca-se a pergunta: onde estão os estudos de obras cruciais de Gregori Warchavchik, Lucio Costa, Affonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer, Luiz Nunes e Vilanova Artigas? Poderia ter citado os irmãos Roberto e Oswaldo Brtke, mas cito esses arquitetos exatamente porque existem propostas de análises de seus trabalhos. A quantidade desses trabalhos é, contudo, pequena se comparada a outros temas e à importância dessas figuras na história da arquitetura moderna no Brasil. Por exemplo, Niemeyer é estudado, mas por meio de obras secundárias; quando discutido, o mito é enfrentado pelas bordas. A presença discreta de Gregori Warchavchik e Luiz Nunes nos estudos apresentados é um indício dos valores reinantes na área de estudos de arquitetura moderna no Brasil.

Existem estudos sobre preservação de obras modernas. Poucos, mas significativos. Primeiro, porque a preservação de obras modernistas é rara no Brasil hoje, na maioria das vezes o que ocorre é manutenção, já que ainda se prolonga o fim do Movimento Moderno no Brasil. Depois, porque as propostas concentram-se em obras seminais de Gregori Warchavchik, Luiz Nunes e Vilanova Artigas, além do mítico Ministério, pondo em juízo intervenções em obras canônicas. Com relação ao edifício-sede do Ministério de Educação e Saúde, o processo de restauração por que tem passado é analisado, mas permanece o silêncio sobre o caso recente e polêmico da reforma do pavimento do gabinete do Ministro no edifício-sede do Ministério de Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema, autorizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, criando forte precedente, encravado no coração do Patrimônio e no monumento maior do Movimento Moderno no Brasil, para a possibilidade de alteração de formas eruditas construídas e mantidas de acordo com as intenções de seus autores.

Se há estudos sobre alguns casos de preservação, sobressai, entretanto, a ausência de discussões sobre as teorias que informaram as práticas arquitetônicas e preservacionistas no Brasil.

Salvo engano, não há um estudo sequer sobre as idéias de preservação contidas no ideário do Movimento Moderno. Por exemplo, não seria interessante analisar como a idéia de flexibilização no desenho e uso dos

espaços, tão cara ao ideário do Movimento Moderno, pressuporia uma idéia de preservação mais aberta do que a conservação de configurações plásticas fixas?

O ideário e as práticas do SPHAN, tão influenciados pelo Movimento Moderno de arquitetura no Brasil, também não são analisados. Não há análises sobre os critérios e injunções sócio-políticas que nortearam os tombamentos de obras modernistas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ainda fica para o futuro uma análise dos tombamentos especialíssimos do edifício-sede do Ministério de Educação e Saúde, de Lucio Costa e equipe, e da igreja de São Francisco, na Pampulha, de Oscar Niemeyer, entre outras obras. No caso da Pampulha, o tombamento foi feito antes mesmo do término da obra, criando precedente para ações futuras.

Brasília apresentou-se como a exceção a tudo que venho afirmando até aqui. No estágio de análise dos resumos logo sobressaiu um considerável volume de trabalhos, a feliz concentração de propostas de análises de variadas questões sobre a atual capital brasileira. A partir das propostas apresentadas, é possível afirmar que há uma considerável gama de pesquisas em curso sobre uma das obras mais excepcionais do Movimento Moderno nacional e internacional. Entre os trabalhos a serem apresentados sobre Brasília, há análises de urbanismo, de arquitetura e, inclusive, de preservação – uma análise da proposta também excepcional de tombamento de Brasília –; todas, mal ou bem, focando na figura central de Lucio Costa.

Pouco há de surpreendente nas características dominantes ou ausentes nos trabalhos apresentados. De certo modo, estão em conexão com o processo de complexificação da cultura brasileira e com a maré relativista internacional. Justamente por isso, essas dominâncias e ausências são significativas. Se a homogeneidade ideal é poucas vezes factível ou satisfatória, a heterogeneidade desestruturada, acrítica, também é muitas vezes aparente, além de ser perniciosa. Se as totalizações eram e são restritivas, não podem, contudo, desaparecer do horizonte de ação, seja com relação às investidas criativas ou de pesquisa. Talvez, com a apresentação dos trabalhos e os debates no Seminário possa emergir em meio à heterogeneidade, aparentemente multidirecionada, o sentido de totalização em curso, mesmo que seja para confirmar o paradoxo da totalização pelo relativismo.